

10.1.85

Como não bastasse o assassinio também a pilhagem

por Filipe Ribas (texto) e Américo Milício (fotos)

Ainda mal refeitos dos acontecimentos que presenciámos em Tániga, e desenvolvendo uma conversa que tinha como tema central a amnistia aos bandidos armados e os crimes de tipo que testemunhámos, fomos acolhidos com a informação do ataque de Maluana. A toda a brida, dirigimo-nos ao local, a fim de recolher informações. Os primeiros cinco minutos do nosso trabalho foram os últimos momentos de vida de uma criança de cinco anos, cuja agonia assistimos impotentes. O que, em seguida, destilou ante os nossos olhos foram horrores que atestam um sadismo próprio dos bandidos armados.

A primeira impressão que tivemos de Maluana foi, exactamente, a de tratar-se de uma zona perigosa. Com efeito, quando nos dirigíamos à Manhiça, encontramos uma grande concentração de autocarros, carrinhas e camiões retidos, porque tinha sido dada a informação de que os bandidos armados estavam em movimento nas proximidades. A informação vinha de alguém que viu o grupo de bandidos a atravessar a estrada.

Perante esta informação de perigo iminente, as viaturas tiveram de parar, enquanto as nossas forças, imediatas

da frente, ao mesmo tempo que tentava atingir o condutor do autocarro.

Os primeiros tiros furaram os pneus da frente e, como consequência disso, as rodas do autocarro partiram-se, immobilizando, assim, este. Quando o autocarro parou, os passageiros começaram a saltar, ora pelas janelas, ora pelas próprias portas de entrada e de saída enquanto os bandidos continuavam a disparar contra a viatura. Alguns passageiros morreram no interior do autocarro, quando tentavam alcançar as janelas para saltar.

Elisa Mondlane, uma sobrevivente que saiu ilesa, foi das últimas pessoas a sair do autocarro. Toda a sua roupa estava manchada de sangue, os próprios braços e parte da cabeça apresentavam vestígios de sangue. Este era de outros passageiros, que lhe caíram em cima, já sem vida. Quando foi retirada do autocarro, estavam, por cima dela, quatro corpos sem vida, que haviam sangrado abundantemente sobre ela e sobre sua filha de cinco anos, que também saiu ilesa. Quando foi socorrida, segurava duas crianças, a filha e um sobrinho gravemente ferido, que viria a morrer momentos depois.

O balanço imediato de 23 mortos e de mais de 20 feridos só por si, esclarece a natureza do fogo que era aberto contra o autocarro. Recordo-me vivamente de cinco feridos graves, a quem dediquei uns minutos de atenção, antes de serem evacuados. Um deles, que havia sido atingido por uma rajada na bacia, meneava a cabeça, num gesto de conformação, e recomendou que as suas coisas fossem recolhidas e entregues a um certo familiar que se encontrava na Manhiça.

Um outro sobrevivente, da casa dos 40 anos, com as duas pernas quase em pedaco, empanadas em sangue, já inconsciente, gritava pela mãe sem parar. Limitei-me a registar o som para o gravador. Houve dois sobreviventes com quem nem tive coragem de falar, ficando-me apenas na contemplação. Trata-se dum jovem, que não

podia saber-se em que parte do corpo estava ferido, pois sangrava por todos os lados, e de um senhor dos seus 50 anos, atingido por três balas na região do abdómen. Ambos caminhavam pelos próprios pés, mas com uma expressão tão penosa.

Enfim, passado o primeiro choque, havia que abordar os sobreviventes que apresentavam ferimentos menos graves. A primeira pessoa foi uma menina de 11 anos, que viajava para Manjacaze, onde vive com os seus familiares. Foi, deveras, interessante ouvir o depoimento da pequena Laura José Tembe, que denota muita coragem e certa preparação para autodefesa:

«Não vi bem o que se passou, apenas ouvi tiros e pláquei, ainda dentro do machimbombo. Quando o machimbombo parou, saltai para fora e fui piacar outra vez. Fiquei ali, enquanto os bandidos continuavam a disparar para o machimbombo. Quando estava a sair do machimbombo entrou uma bala aqui na mão e rasgou-me o dedo e comecei a fazer tratamento quando ainda estava placada.»

Mais espantosa ainda é a presença de espírito com que Gonçalo Armândo Massango, jovem de cerca de 13 anos, conseguiu registar todos os momentos do crime de Maluana. Viu os bandidos antes de começarem a disparar, assistiu aos primeiros tiros como quem está na plateia de um estúdio de cinema e, mesmo depois de ferido, continua a registar todos os pormenores do acontecimento.

Gonçalo Massango foi o único sobrevivente que contou os bandidos armados, que metralharam o autocarro, registou as idades e a indumentária que traziam. Contou e recontou 30 bandidos, notou que traziam umas calças de caqui e sem camisas, outros calças de camuflado com camisas civis, além dos que traziam calças, simi-

plamento civis. As idades, segundo eles, oscilavam entre os 25 e os 26 anos.

«Quando o carro parou, os bandidos abriram a porta e começaram a exigir dinheiro e relógios aos passageiros. Não levaram, mais nada, porque não queriam levar coisas pesadas, só queriam coisas leves. Depois de levar relógios e dinheiro, voltaram a entrar na mata e incendiaram o local por onde tinham saído», esta a parte final do registo completo acrescentado por Gonçalo Massango, aluno da Escola Secundária Francisco Manjanga, que se deslocava a Manjacaze, a fim de passar férias em casa dos avós.

O bandido capturado pela população, minutos após o ataque, apresenta, efectivamente, as características descritas por Gonçalo. Calças tipo caqui, idade oscilando entre 25 e os 26 anos, e sem camisa. Este bandido foi morto à pancada, pedrada e paulada pela própria população, tão fresco ainda era o crime que cometera sobre os passageiros.



ELISA MONDLANE, UMA DAS SO SOBREVIVENTES JUNTAMENTE COM SUA FILHA. FALA AOS JORNALISTAS

mente avisadas da situação, se lançavam na vasculha da floresta limítrofe à estrada. Soubemos, mais tarde, que o grupo de bandidos, que foi visto nas proximidades de Maluana, estava a caminhar no sentido Sul-Norte, em trajecto paralelo à Estrada Nacional n.º 1, fugindo de uma unidade das FAM que, no sentido Sudoeste-Este, vinha procedendo à limpeza da floresta.

Na localidade de Maluana, a vegetação é composta por árvores de um porte bem maior que em Tániga e as lianas completam a cobertura da copa das árvores, vendo-se, mais ao fundo, principalmente na margem direita da estrada, para quem caminha para o Norte, algumas terras cultivadas. Dada a proximidade com o rio, a paisagem é mais verde. Nesta zona, a estrada é sinuosa e encontra-se numa elevação.

Foi, pois, ao acabar de descrever uma curva e em vias de encetar outra, que o autocarro das «Oliveiras», dirigindo-se a Manjacaze, foi atacado pelos bandidos armados. Segundo o testemunho que recolhemos dos sobreviventes, o ataque ocorreu da seguinte forma: um grupo de pouco mais de 30 bandidos lançou-se para o meio da estrada e começou a metralhar as ro-



LAURA JOSÉ TEMBE; GALMA E APTIDÃO



GONÇALO MASSANGO: SANGUE FRIO PARA ENFRENTAR OS B'AS